

G. Ferreira



A VIAGEM DA INDIA

n.º 7

Poemeto em dois cantos

POR

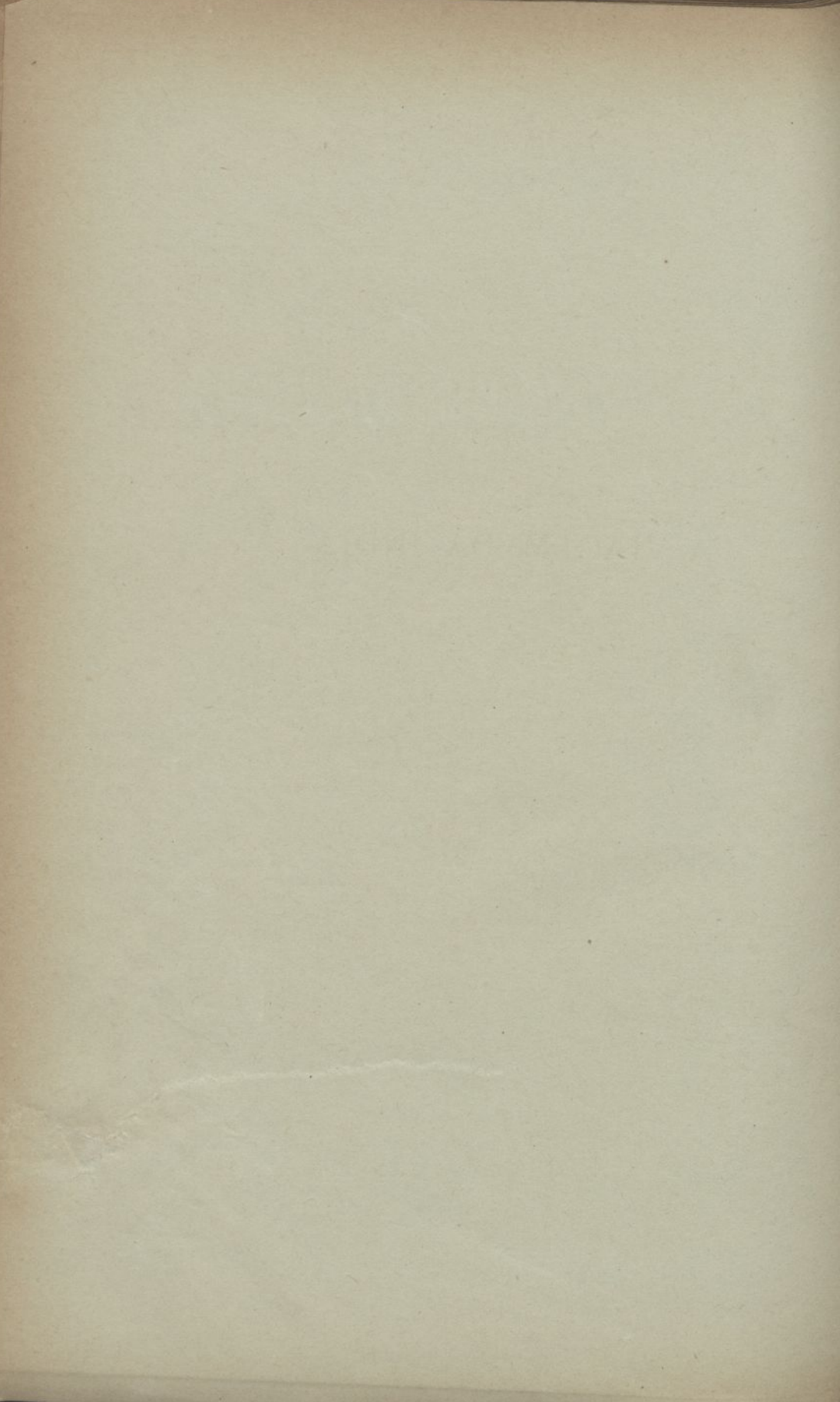
FERNANDES COSTA



17

Ferreira

1912



A VIAGEM DA INDIA

JUSTIFICAÇÃO DA TIRAGEM

3 exemplares em papel de linho branco nacional
1:000 em papel de algodão de 1.^a qualidade

QUARTO CENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DA INDIA

CONTRIBUIÇÕES

DA

SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

A VIAGEM DA INDIA

Poemeto em dois cantos

FOR

FERNANDES COSTA

N.º 7



LISBOA
IMPRESA NACIONAL
1896

QUARTO CENTENARIO DO REINO DE PORTUGAL

1940

INSTITUTO DE INVESTIGACAO DE CIENCIAS

A VIAGEM DA INDIA

DE JOSE ANTONIO COSTA



LISBOA

EDITORA A. M. COSTA

1940

1007

A

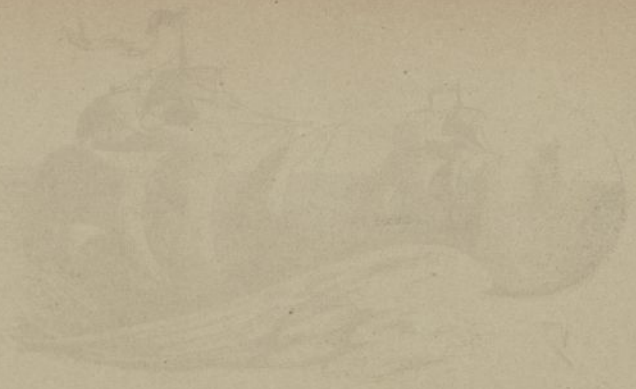
LUCIANO CORDEIRO

O INICIADOR
E INCANÇAVEL PROPUGNADOR DO MODERNO MOVIMENTO
GEOGRAPHICO PORTUGUEZ

CANTO PRIMEIRO

—

A IDA



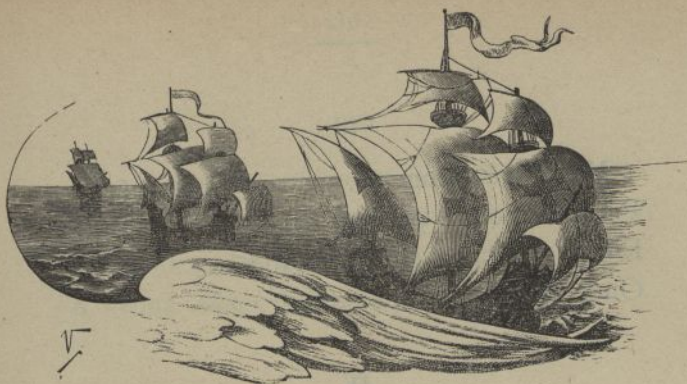
CANTO PRIMEIRO
CANTO PRIMEIRO

A IDA

A IDA

That was the day when I
Went down to the sea
To see the ships that were
Sailing to the west

I saw the ships that were
Sailing to the west
And I saw the ships that were
Sailing to the east



CANTO PRIMEIRO

A IDA

I

Onde vae, Tejo em fóra, a lusa armada?..
Naus altivas, possantes caravelas!
Vae em busca da India enfeitçada,
Sobre as ondas azues, pandas as vélas.

II

E quem é, que essa gente assim conduz
A cumprir o prodigio nunca visto?
Accesa levam n'alma a viva luz
Da fé, e nos pendões a cruz de Christo!

III

Mas já vão longe as quatro embarcações...
Parecem quatro pombas a voar,
Em demanda de ignotas vastidões,
Onde vão novo ninho edificar.

IV

Romeiros da romagem longa e vaga,
Que nova Terra Santa, ao longe, alveja?
Deus vos leve, romeiros, Deus vos traga,
E a vossa obra, eterna e benta seja!

V

Mas nas ondas o sol vae descaíndo,
E quando o manto placido e sidereo
Da noite, o céu cobriu e o mar infindo...
Perdeu-se a lusa armada no mysterio.

VI

Nenhuns olhos humanos a seguiam;
Espantadas, porém, da audaz empreza,
No céu alto, as estrellas repetiam:
«Vae ali a fortuna portugueza!»

VII

E aquella, que apontando sempre o norte,
Sobre a cupula movel, firme está,
Dizia: «Raça ousada! raça forte!
Dentro em pouco, outra irmã vos guiará!»

VIII

E, dentro em pouco, respondendo ao voto
 Da irmã polar... lá vem surgindo a chamma,
 Sobre as ondas ignotas, astro ignoto,
 A divina *Akher-Nahr*, fanal do Gama!

IX

Porém, agora, que mysterio summo!..
 Já sobre o *Carro* se condensa um véu;
 O mar o engole, quando ao alto, a prumo,
 Anda o *Centauro* percorrendo o céu!

X

E, enquanto a *Hydra* vem subindo, enorme,
 Não baixa já, mas demandando a altura,
 Longe o *Dragão*, retorso e desconforme,
 Busca do mar a fria sepultura.

XI

Depois, na vaga, a *Cassiopéa* tomba,
 E nascem estrellas, que ninguem conhece!
 Lá vem do Sul, a remontar, a *Pomba*,
 Quando ao norte, *Cepheu* desaparece.

XII

Da armada a gente, a vista leva immersa,
 Com pasmo natural, que não surprende,
 N'aquella nova cúpula diversa,
 Que sobre mar e terra a noite estende.

XIII

Ergue-se, agora, da longinqua esphera,
— Ó *Cruz* maravilhosa e deslumbrante!—
O symbolo christão, que n'alma impera,
Não vista, mas cantada pelo Dante!

XIV

E ao passo que ante os olhos vão surgindo
Os segredos, que guarda a immensidão,
Dir-se-ia, que da treva está saíndo,
Á voz de Deus, segunda creação!

XV

E por todo o estrellado firmamento,
De cada estrella, esta pergunta cáe:
«Quem viu tal aventura, tal portento?
D'onde vem esta gente, e aonde vae?»

XVI

No emtanto, os rudes peitos temerarios,
Dentro das naves, perguntando vão:
«Astros novos, propicios ou contrarios,
Estes astros do céu, que estrellas são?»

XVII

Onde vae, mar em fóra, a lusa armada?..
Vae em busca do eterno vellocino.
Olhos postos na cruz e a mão na espada,
Leva em si Portugal e o seu destino.

XVIII

O destino de um povo! Assim tranquillo,
Sob a luz das estrellas scintillando,
De Moisés o destino andou boiando,
N'uma cesta de vime, sobre o Nilo!

XIX

Na treva, ruge o mar sinistramente;
Nas almas pésa a noite... Muito embora!..
Avançam para o fulgido Nascente,
Hão de ver, no seu throno, a rosea Aurora!

XX

Vae ali cada um cumprir seu fado,
E Deus fará, que seja bem cumprido;
Em vão ha de rugir o mar irado,
Em vão clamar o céu desconhecido.

XXI

Por todos foi jurado,— e cada um,—
Levar a cabo um feito, ao pé do qual,
Não houvesse, em annaes de povo algum,
Memoria d'outro feito assim igual.

XXII

Hão de tudo tentar que for preciso...
Descer á eterna sombra do profundo,
Escalar os humbraes do paraíso,
Transpôr os proprios términos do mundo!

XXIII

Mal dá logar a crença, que os inflamma,
Às visões, que o pavor, na mente gera;
Em frente, muito em frente, a Índia os chama...
Atraz, já muito atraz, a patria espera!

XXIV

Vozes mil o silencio perturbando,
Da treva densa, em côro, vão subindo!
Serão monstros do mar, que estão bramando?..
Ou d'África os leões, que estão rugindo?..

XXV

Mas nenhum peito, a vozes taes se atterra;
A armada segue, pelo mar em fóra...
É Portugal, que vae dizendo á terra:
«É tempo já de despertar agora!»

XXVI

As ondas rugem; noite e dia, atroam;
Batem, com furia, nos bojudos cascos;
D'azas abertas, para os seus penhascos,
Corvos marinhos, crocitando voam.

XXVII

Dir-se-íam bandos de cruéis harpyas,
No seu dominio temeroso e vasto,
Aves d'agoiro, a reclamar, sombrias,
Aquellas presas para o seu repasto.

XXVIII

Depois a calma, a infinda quietação!
Negro aviso de morte ingloria e lenta,
N'um mar de chumbo, sepulchral mansão,
Que obriga a ter saudades da tormenta!

XXIX

N'isto, uma nuvem, caprichoso fumo,
O azul remoto levemente empana;
Ligeira avança, e traz do norte o rumo...
É bom prenuncio... mas as naus engana!

XXX

Que extranha nuvem, é, porém, aquella?..
Corta a direito, consciente e viva!..
Trará no bojo horrisona procella?
Ou sôpro brando á calmaria estiva?

XXXI

Pasmam de vel-a os arduos navegantes!
Parece palpitar! que vida tem!..
São hostes mil de pombos emigrantes,
Que as terras vão buscar d'onde elles vêm!

XXXII

E os pombos, a quem tarda o quente ninho,
Vendo os mastros da armada festival,
Julgam ser os pinhaes de Portugal
Que foram recêbel-os ao caminho!

XXXIII

E n'elles pousam confiadamente...
 Pelas enxarcias, nos ovens, nas pontes,
 São cachos vivos, são tropeis, são montes...
 Que as naus adornam sob o peso ingente!

XXXIV

Descancem ledos, nos humbraes sagrados!..
 Ninguém lhes toca, n'um respeito mudo.
 Destinos altos! vão assim trocados!
 É Deus que o manda, Deus assim fez tudo!

XXXV

Mas quando, emfim, das naves se levanta
 Aquella nuvem, que escurece o dia,
 — Por que a levem á patria sacrosanta, —
 Cada um, sua prece lhe confia!

XXXVI

Que traço argenteo, as ondas illumina?
 Uma estrada de luz!.. Talvez a esteira
 Deixada pela espuma crystallina,
 Da nau do Dias, que as cortou primeira.

XXXVII

Sempre ao Sul, sempre ao Sul, a estrada avança!
 De cada lado d'ella, o eterno escuro!
 Extendeu-a no mar a mão da Esperança,
 Na direcção da Gloria e do Futuro!

XXXVIII

Sempre ao Sul, sempre ao Sul, a estrada segue!
 Ao termo d'ella, encontra-se o Ideal!
 Em demanda do Sonho, que as persegue,
 Navegam quatro naves de crystal!..

XXXIX

Partiram todas d'um paiz de fadas,
 As quatro envoltas em celeste alvor;
 Vão em busca das Ilhas Encantadas,
 Onde dorme o divino Encantador!

XL

O caminho é de luz; porém, infindo;
 Tem o termo, talvez, na immensidade!
 Quem vae as quatro naves dirigindo?..
 Vae o genio immortal da humanidade!

XLI

Anjo indómito, prompto a combater,
 Curvado sempre ao seu destino mudo!
 Vae a Fé, vae a Força, vae o Querer,
 A Vontade, que emfim consegue tudo.

XLII

Inquebrantavel, vae da Historia a lei,
 Essa, que aos povos a missão traçou;
 O saber, o pensar de um grande rei,
 E a tradição, que um rei maior deixou.

XLIII

De noite, recortando o vivo argento,
 De dia, sobre as vagas de turqueza,
 Lá vae, de Portugal o pensamento,
 Ao leme de uma esquadra portugueza!

XLIV

Sempre ao Sul, sempre ao Sul! porém um dia
 Hão de as proas dobrar-se ao Oriente;
 Então perdida a esteira, que hoje os guia,
 Engano e trevas hão de ter sómente.

XLV

Sempre ao Sul, sempre ao Sul! eia! valor!
 Na cerração, que ao longe se condensa,
 Mal sabem, que os aguarda a voz immensa
 Do assombrado gigante Adamastor!

XLVI

Vão entrar nas paragens revoltosas,
 —Paragens que ainda hoje o homem teme,—
 Onde luctam as ondas alterosas,
 E o vento, em turbilhões, continuo geme.

XLVII

Onde, em furia, tres mares se combatem;
 Onde o encontro se faz de tres correntes;
 Portas de inferno, onde Cerbéros latem,
 De tripla fauce e triplicados dentes.

XLVIII

Portas divinas, onde Archanjos luzem,
 Sente-o o Gama, no crente coração;
 Portas de luz, que ao exito conduzem;
 Portas do Sonho! portas da Visão!

XLIX

Sempre ao Sul! sempre ao Sul! ao largo! em fóra! ..
 Mas a armada parece que se perde
 Nas liquidas montanhas de um mar verde,
 Que as naus afunda, e soffrego as devora!

L

E mais e mais ao Sul se aventuravam,
 As gastas equipagens consumidas,
 Em tal desesperar, que a Deus bradavam,
 As almas lhes guardasse, e não as vidas.

LI

Mas em que mares vão agora entrando,
 Que o sol, tão pouco tempo ali dardeja? ..
 É castigo de Deus, que os vae chamando
 Aos confins onde eterna a noite seja? ..

LII

Ali, a luz do sol se desvanece;
 É tres vezes menor que a noite, o dia;
 Em este despontando, logo desce
 Na treva immensa, cada vez mais fria!

LIII

Não é esse, não é, nem por signaes,
 Aquelle grande sol, de intensos brilhos,
 Que prateia as madeixas de seus paes,
 E aquece as cabecinhas de seus filhos.

LIV

Não é aquelle o sol, de vivos raios,
 Que pinta os verdes prados a matiz,
 Que faz abrir as rosas dos seus maios,
 E que doira os trigaes do seu paiz!

LV

O de lá, illumina com doçura,
 Beija a terra, e aquece-a com amor;
 Este, aqui, é um sol de sepultura,
 Mortiça luz, sem brilho e sem calor.

LVI

Não mais o sol verão da sua terra!..
 Com que saudade o dizem! que saudade!..
 Aperta-os ali dentro a immensidade!
 O espaço, como um tumulo, os encerra!..

LVII

E sempre o Sul demanda a larga volta,
 Que nas azas do vento a armada leva,
 Para a morte, de certo, á véla solta,
 Para o silencio... a solidão... a treva!..

LVIII

Cinco vezes, o Cabo, a armada affronta,
Cinco vezes, a armada o Cabo investe!
A costa retrocede, o céu remonta...
É força as proas apontar a leste!..

LIX

Foi Pero d'Alemquer, que o conseguiu,
Largos dias de teima usando e manha;
O piloto maior que o mundo viu,
O que soube fazer maior façanha.

LX

Mas se foi Alemquer, piloto astuto,
O que a volta avisada ao Cabo deu,
Foi o genio do Gama, resoluto,
Quem dobrou as vontades e venceu.

LXI

Assim o reconhece a armada inteira,
Que em salvas, o saúda, de alegria!..
E Adamastor escuta, a vez primeira,
A grande voz da lusa artilheria!

LXII

E quem desgraças taes prophetizou
Áquellas gentes, mais que tudo ousadas,
Ouviu, em plenas ondas subjugadas,
A resposta, que a armada lhe enviou!

LXIII

Ruge o colosso do que viu e ouviu!
 Corre a envolvel-o a cerração distante.
Mudo e quedo, o phantastico gigante,
 Humilhado, de nuvens se cobriu!

LXIV

Emquanto ao Sul desciam, mar em fóra,
 Tinha visto, de bordo a rude gente,
 Das costas africanas vir a aurora,
 Cair nas salsas ondas o poente.

LXV

Pasmava a gente, agora, do que via,
 Suppondo a natureza ser mudada;
 Sobre a terra, á sinistra, o sol descia!
 Erguia-se do mar a madrugada!..

LXVI

Vão colhidos na gávea, agora, os pannos;
 Baixos os mastros; mas as naus correndo!
 Segredos são, que ninguem sabe; enganoso,
 Com que a mãe natureza os vae mantendo.

LXVII

Vagas taes, ninguem viu, tão revolvidas!
 Agora, as nuvens tocam sempiternas!
 Depois, as naus inteiras engulidas,
 Precipitam-se em lôbregas cavernas.

LXVIII

E as naves, por não serem dispersadas,
 Cada uma, na gávea se allumia.
 — Como um grupo de estrellas conjugadas,
 Umas ás outras são pharol e guia!—

LXIX

Onde vae, mar ignoto, a lusa armada?..
 Nem enganos, nem trevas a detem!
 Vae á India levar a Cruz e a Espada;
 É ali, é ali, Jerusalem!

LXX

Ha contornos da magica visão,
 Nos vagos horisontes da miragem!..
 Ninguém pense no termo da viagem,
 Sem que surja a fulgente apparição!

LXXI

Antes de ao mar a armada se fazer,
 Havia o forte Capitão jurado,
 De nunca, em caso algum, retroceder
 Nem um só palmo do caminho andado!

LXXII

E quando a desesperança algum vencia,
 Irado, o Gama, então lhe perguntava:
 «Quando elle a mortes cem desafiava,
 Quem é que uma só morte ali temia?»

LXXIII

E o mór peso tomando do seu cargo,
Em vendo levantar-se a maior guerra,
Quando a gente dizia: A terra! a terra!..
Gritava-lhes o Gama: Ao largo! ao largo!..

LXXIV

Hão de ver, o que o mundo nunca vira:
Surgir do mar a Índia abençoada,
Acenando, de longe, á lusa armada,
Em torres de esmeralda e de saphyra!

LXXV

Ou, então, enfeitados pela Gloria,
Figurarem, terríveis e sombrios,
Como espectros, no templo da memoria,
Eternamente, os homens e os navios!

LXXVI

Á nova Terra Santa! em frente! em frente!
Romeiros da romagem longa e vaga!
Ah! Deus vos mostre a Índia refulgente!
Deus vos leve, romeiros, Deus vos traga!



CANTO SEGUNDO

A VOLTA



CANTO SEGUNDO

CANTO SEGUNDO
A VOLTA

A VOLTA

Porém que vejo agora a minha vida
Sobre as águas sem um porto a vir
Do mar e das tormentas abismada
Vem vindo tanta coisa a vir

Avança a praia, porém não vem
Na praia minha o sol e o mar
Tocam-me os pés das ondas da vida
E levam o coração da vida



VI

CANTO SEGUNDO

A VOLTA

I

Porém que vejo agora?.. Empavezada,
Sobre as ondas azues, e panda a véla,
Do mar e das tormentas alquebrada,
Vem subindo rasteira caravela!

II

Avança a panno largo, e com vontade;
Na praia, atroam vozes retumbantes;
Tocam sinos nas torres da cidade;
É louvado o Senhor dos Navegantes!

III

Aos pontos altos, prestes e ligeira,
Acode, a mais e mais, a multidão;
Tremúla, á brisa, o regio pavilhão
Sobre o Tejo, nos Paços da Ribeira.

IV

Que gentil! que bem segue a caravela,
Embalada nas aguas crystallinas! . .
Tem toda a gente os olhos postos n'ella!
Vão salvando, na borda, as columbrinas!

V

Das naus respondem salvas redobradas;
No castello o canhão tambem resôa;
Por boas vindas dar, alvorçadas
Ostenta quantas galas tem, Lisboa.

VI

A barca é d'oiro! . . Que deslumbramento!
Envolve-a toda, luminoso alvôr! . .
É a barca do eterno Encantamento;
Vem das Ilhas do grande Encantador!

VII

Em que espaço, em que ceus andou voando?
Nunca d'antes, ninguem no Tejo a viu!
Pomba perdida, não pertence ao bando,
Que ha muito tempo do pombal saíu.

VIII

Nave extranha, que o Tejo não conhece,
Traz cruz em pendão branco, por signal;
—Mas traz, tambem, o que a ninguem parece—
Traz a gloria maior de Portugal!

IX

Gloria, que a especie inteira nobilita,
E não sómente o nome portuguez!
Grande empreza, phantastica, inaudita,
Que outra maior jamais alguém a fez!

X

E a barca vae seguindo, rio em frente;
Branca visão, que nada apagará!
Sobre a esteira de espuma reluzente,
O sulco aberto, aberto ainda está!

XI

E a barca vae seguindo, rio acima;
É seu condão a eterna mocidade!
Traz o sopro vital que tudo anima,
Traz o genio immortal da humanidade!

XII

Traz aquelles, que os mares ignorados,
Passaram, com assombro, e sem pavor;
Os que foram ao longe ouvir os brados
E as funestas visões do Adamastor.

XIII

Que sulcaram do mar a immensidade,
Nas azas intangíveis da chimera,
Os sonhos transformando na verdade,
De polo a polo completando a esphera!

XIV

Os que viram as luzes do *Cruzeiro*,
Dos tropicos na noite a scintillar,
Depois de terem visto o céu primeiro,
Com todo o norte, descaír no mar.

XV

Esses, de quem os astros repetiam,
Ao vel-os persistir na sua empreza,
Quando já nenhuns olhos os seguiam:
«Vae ali a fortuna portugueza!»

XVI

Os que os astros ouviram perguntando,
Na torrente de luz, que d'elles cáe:
«Quem deu ser a taes homens? como e quando?
D'onde vem esta gente, e aonde vae?»

XVII

Os que os astros ouvindo, responderam,
Sem desalento algum no coração:
«Ó astros, que jámais nos conheceram,
À India vamos; dae-nos vós a mão!»

XVIII

Esses, de quem as ondas murmuravam,
Sob as quilhas pesadas das galeras,
Quando as proas altivas as rasgavam:
«Vão as portas abrir de novas eras!»

XIX

Os que viram, primeiro, o nunca visto,
E o foram demandar, a tempo e azo,
Na luz confusa de um saber previsto,
Mas não levados pela mão do Acaso;

XX

Do velho mundo, os immortaes pioneiros,
Em mundos novos demandando ingresso;
Missionarios do Bem e do Progresso;
Missionarios... e não aventureiros.

XXI

Os que foram, do caso conscientes,
Quebrando sellos, descobrindo lousas,
Perturbar em remotos continentes,
A quietação dos homens e das cousas.

XXII

Esses, de quem os povos assombrados,
Viram a altiva gente cavalleira,
Por mares nunca d'antes navegados,
Desenhando os confins da terra inteira.

XXIII

Esses, que em nova e pertinaz cruzada,
— Povos inertes evocando á vida, —
Foram, sempre, deixando a patria amada,
Pelo mundo em pedaços repartida.

XXIV

Esses, que foram longe, raça dura!
Sondar o negro abysmo, sem receio,
Desvendar os mysterios da natura,
Meio mundo ensinando a outro meio.

XXV

Esses, que abandonando os deuses lares,
Na mais ousada empreza de gigante,
Para o seu curso dirigir nos mares,
Uma estrella do céu não foi bastante!

XXVI

Os que a patria exaltaram portugueza,
E quebraram, com brava galhardia,
A maritima força de Veneza,
E a fortuna da grande Alexandria.

XXVII

Os que o globo da terra devassaram,
E dando um mundo novo ao mundo velho,
Das columnas herculeas ao Vermelho,
O negro continente recortaram.

XXVIII

Os que tendo arrancado ao fero Islam,
Arzilla, Tanger, Ceuta e Azamor,
Hão de agora affrontar-lhe a gloria van,
E, em mar remoto, enchel-o de terror.

XXIX

E assim terão cumprido, heroicamente,
Duas vezes, a épica missão,
Os pendões abatendo do Crescente,
Ante as glorias do symbolo christão.

XXX

Os que viram no céu diversos astros;
Aquelles para quem o mar do Sul,
Nos topes accendeu dos rijos mastros,
Do Santelmo divino a chamma azul.

XXXI

Os que viram mil cousas portentosas,
O sobre-natural, o sobre-humano;
Descer do céu as trombas sequiosas,
Bebendo em sorvos largos o Oceano.

XXXII

Os que investiram frias espessuras,
Onde escuro docel a noite eleva,
E demandando antarcticas alturas,
Chegaram quasi ás regiões da treva.

XXXIII

Os que affrontando a propria natureza
 Foram a prima gente que sulcou,
 Altos mares, de infinda profundeza,
 Onde sonda nenhuma o fundo achou.

XXXIV

Os que tendo no peito a palpitar,
 De raça mais que humana o coração,
 Iam, á raça humana abrir o mar,
 Findando aquella eterna solidão.

XXXV

Os que foram, nas azas da vontade,
 Á India, refulgente de oiro e luz,
 Ver o berço da nossa humanidade,
 Como os Magos o berço de Jesus.

XXXVI

Os que foram do Tejo ao Malabar,
 Levando no regaço a paz e a guerra,
 Chamar á vida, despertar a terra,
 Do somno seu, profundo e secular.

XXXVII

Os que viram surgir a India ardente,
 Acenando, de longe, á lusa armada,
 Huri, rainha e fada do Oriente,
 Das torres de saphyra debruçada.

XXXVIII

Esses, que para erguer a patria historia,
 Foram tentar empresas immortaes,
 D'onde se volta pela mão da Gloria,
 Ou d'onde nunca se voltou jamais.

XXXIX

Esses, que enquanto andavam completando
 Não vistos feitos, épicas acções,
 Já o céu lhes estava destinando
 A lyra inimitavel de Camões!

XL

Os homens grandes, cuja obra immensa,
 Deviam memorar, no tempo alem,
 —Refulgente prodigio de Arte e Crença,—
 As naves portentosas de Belem!

XLI

Os que, salvos por Deus, —humilde gente,—
 Nos riscos tormentosos, que correram,
 Sepultaram no mar, piedosamente,
 Tantos, tantos irmãos que lhes morreram!

XLII

Lá vae a caravela, rio acima!
 É ella a sombra da primeira armada!
 A nova que em si traz, é quem a anima:
 «Foi descoberta a India abençoada!»

XLIII

É isto o que ella clama e vae dizendo;
É isto, o que ella a todos annuncia;
O sol da Meia Idade vae descendo,
O alvor desponta, já, de um novo dia!

XLIV

Mas, vendo-a, mal suppõe a multidão,
Sobre a tolda contando a pouca gente,
Que da gloria da humilde embarcação,
Viverá Portugal, eternamente.

XLV

Agora, a nave, as ancoras largou;
Içou, no mastro grande, o vellocino!
A patria em boas mãos depositou
A espada, a cruz, e todo o seu destino.

XLVI

Bemvindos sois ao berço hospitaleiro,
Romeiros da romagem do Ideal!
Pois fez, o esforço vosso, verdadeiro
O sonho que tivera Portugal.

XLVII

Cumpristes um gigante pensamento;
No mundo, o vosso nome, eterno sôa;
Trouxe-vos Deus *a porto e salvamento*,
A vossa obra foi bemdita e boa!

XLVIII

E, largo tempo, — esplendida visão! —
Se ha de ver, Tejo acima, a caravela,
Como um barco de lenda, panda a véla,
Bordada a cruz de Christo em seu pendão!

XLIX

E um dia chegará, — dia jocundo! —
Em que, no Tejo, que hoje aos pés vos corre,
Hão de armadas estar, de todo o mundo,
Saudando a caravela, que não morre!

L

Monarchas hão de vir de imperios novos,
Em convivio fraterno, doce e amigo,
Unindo n'um só laço, os reis e os povos,
Saudar, em honra vossa, o reino antigo.

LI

E só por vós, se a mente me não erra,
Vós, que fostes do Gama os companheiros,
Marinheiros virão de toda a terra,
À patria dos mais rudes marinheiros.

LII

Sonhados impossiveis conseguistes,
Vós, raça aventureira, omnipotente!
Se muito foi, que a Portugal servistes,
Mais servistes, ainda, a extranha gente.

LIII

Pois da aguia, que os reis d'outr'ora viram,
Na terra inteira, as azas extendendo,
As aguias, d'hoje em dia, andam colhendo
As pennas, que das azas lhe caíram!

LIV

D'este povo, o passado causa espanto!
O que teve! o que pôde dividir!
Cada um dos pedaços do seu manto
Dá hoje a um povo inteiro, que vestir!

LV

Quem havia de ver, o que se viu?
Agora, é Prometheu acorrentado,
Por famintos abutres devorado,
Na montanha da Gloria, a que subiu!

LVI

Venham, pois, ver a nave abençoada,
Do Tejo sobre as vagas diamantinas!
Nave eterna!.. Na pôpa leva as quinas,
E a figura do Gama, na amurada.

LVII

Que vejo?.. Quem tal quadro antecipou?
Desusado fragor no grande rio!..
Vinte esquadras, que o mundo aqui mandou,
Abrem alas ao fulgido navio!

LVIII

Em cada pôpa, um pavilhão ondula;
 Vistasas cores, alegrando os ares!
 Vêm ver, ainda, como audaz tremula
 O pavilhão que os precedeu nos mares!

LIX

Monstros de ferro, enormes couraçados,
 Venham aqui, de toda a terra, ovantes,
 Pousar no Tejo, que sustinha d'antes
 Sobre o seu dorso, galeões sagrados!..

LX

Naus d'alto bordo, carregadas d'oiro,
 A môr riqueza, que se viu outr'ora!
 Dizêl-o ouvimos, — não hajaes desdoiro:—
 «São bem mais leves estas naus de agora!»

LXI

E o Tejo, aberta a sua larga foz,
 Com justo orgulho, vos recebe e chama!
 Almirantes! sabeis, que honrar o Gama,
 É honrar o maior de todos vós!

LXII

Lá vae a caravela, ativa e calma
 No meio do bramir da artilheria!
 Não é sonho da nossa phantasia;
 É nitida visão que temos n'alma!

LXIII

Da justiça reluz o dia, a hora;
O premio do serviço, emfim, chegou!
Mil bandeiras, que o mar conhece agora,
Vêm saudar a primeira, que o passou!

LXIV

Mas vós, povo indolente e descuidado,
Que a patria tantas vezes esqueceis,
Sêde digno, em memoria do passado,
Das honras, que ao presente recebeis!

LXV

Não tem direito, ninguém tal o diga,
A abandonar-se n'um dormir profundo,
Quem, tão grande passado, a tanto obriga,
Quem tal papel desempenhou no mundo!

LXVI

Um povo que se preza, não descança
Nem á sombra dos loiros conquistados;
A gloria é grande, mas pesada herança:
Mantel-a pura, deve dar cuidados.

LXVII

O preceito deixámos esquecido,
Embalados em vagas illusões;
Hoje vemos um céu de inquietações,
Por sobre as nossas almas extendido.

LXVIII

A gloria é armadura reluzente,
Que veste os peitos e rebrilha ao sol;
Não é fria mortalha, nem lençol,
Que o corpo envolva d'um heroe jacente.

LXIX

A gloria é um deposito sagrado;
Quem o deixa fugir, por mal seguro,
As maldições merece do futuro,
Mostrando ser indigno do legado.

LXX

Ainda o mesmo genio em nós palpita,
O mesmo sangue, em nossas veias, corre;
Somos o rijo povo, que não morre!
Pois, se morto parece, resuscita!

LXXI

E a raça, que ascendeu a tal grandeza,
Não póde figurar entre as nações,
De mãos ligadas, amarrada e presa,
Á columna das proprias tradições.

LXXII

Tem de viver no tempo indefinido,
Em voz alta affirmando o seu direito
De povo, que entre os povos escolhido,
Aos povos, seus irmãos, impõe respeito.

LXXIII

E tu, que és mãe bondosa, patria amiga,
Sê madrasta cruel, altiva e dura,
A todo o filho que de ti mal diga. . .
Nem descanso lhe dê de sepultura!

LXXIV

Pois não merece a luz que o allumia,
E que o berço lhe veste de esplendor,
Quem o nome de patria pronuncia,
Sem, lá no fundo, estremecer de amor!

LXXV

Lá vae a barca d'oiro, enfeitçada!
Lá vae a deslumbrante caravela!
Leva o Gama, de pé, junto á amurada,
E uma cruz escarlata em cada vela!

LXXVI

Lá vae a Barca-Sonho, rio em frente!
Pobre quem, dentro d'alma, não a vir!
Se leva a gloria do passado ingente,
Leva, tambem, a esperanza no porvir!





Acabou de imprimir-se

Aos 24 dias do mez de agosto do anno

M DCCC XCVI

NOS PRELOS DA

IMPRESA NACIONAL DE LISBOA

PARA A

COMISSÃO EXECUTIVA

DO

CENTENARIO DA INDIA

